

Alguém para dividir os sonhos: esquizofrenia e santidade!

Prof. Dr. Paulo Faitanin/UFF



1. Ficha Técnica: Título Original: The Saint of Fort Washington/ Gênero: Drama Tempo de Duração: 102 minutos Ano de Lançamento: 1993. Direção: Tim Hunter. Produção: David V Picker e Nessa Hyams. Direção de Fotografia: Fred Elmes. Produtor Executivo: Lyle Kessler. Elenco: Danny Glover/ Matt Dillon/ Rick Aviles/ Nina Siemaszko/ Ving Rhames/ Joe Seneca/ Harry Ellington/ Ralph Hughes.

2. Sinopse: Essa é a história de Matthew (Dillon), um rapaz ingênuo e bondoso, recém-saído de um hospital psiquiátrico. Obrigado a passar a noite num abrigo de indigentes conhecido como Fort Washington, ele conhece Jerry (Glover), um veterano da guerra do Vietnã que perdeu tudo, inclusive família e emprego. Nasce assim, uma amizade entre os personagens. Enquanto tentam ganhar a vida de maneira digna, encaram as adversas situações com doses de bom humor, mesmo ao limpar pára-brisas nas ruas de Nova York. O dinheiro arrecadado pode significar uma nova vida para ambos. Um filme que emociona, com atuações marcantes de Danny Glover e Matt Dillon, e uma trilha sonora considerada uma das melhores do gênero segundo o site Music from the Movies.

3. Análise: Não raro são chamados loucos os que procuram a santidade... e isso me recorda o título de um excelente livro que mostra como muitos santos na busca da santidade e de fazer o bem foram taxados de loucos: *Os santos, pedras de escândalo*, de José Miguel Cejas. Neste interessante filme vemos uma bela história da bondade entrelaçada no que denominaríamos esquizofrenia. De fato, uma coisa não tem nada a ver com a outra, pois a bondade não é um atributo exclusivo da normalidade aparente. O que é normal? É o consenso das normas sociais ou o que se segue da natureza de algo. Diz-se normal aqui o que segue a norma interna do homem e não a norma que se lhe atribui externamente. Que norma é esta? É a de sua natureza: amar a verdade e buscar o bem. Pode, portanto, o homem até não ser plenamente normal segundo estes princípios externos que lhe rotulam a sociedade, mas perfeitamente coerente com a norma de sua natureza. Este filme nos ensina que a bondade não é fruto da plena e integral organização e funcionamento de



nossas faculdades superiores, ou da boa e plena funcionalidade do nosso corpo, mas de um empenho profundo e contínuo - de na privação do seu uso pleno - de valorar o simples e o verdadeiro em toda sua intensidade. Sem dúvida, um filme que desperta a compaixão e o amor pelo amor de se fazer o bem, apesar da intensa limitação aparente do que somos.